



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 1

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. Psic. da Ed., São Paulo, 30, 1º sem. de 2010, pp. 81-96.

“Os professores exercem grande influência sobre a criança por estarem investidos da relação afetiva primitivamente dirigida ao pai. Os sentimentos de admiração e de respeito são transferidos do pai para o professor, assim como a “ambivalência afetiva” que reside na antítese amor-ódio.” (p. 81)

“Em substituição ao estudo da neurose, com o qual a psicanálise iniciou seus estudos, a criança tornou-se o principal objeto de investigação para vários psicanalistas. Ainda que a contribuição pessoal de Freud tenha sido escassa no campo da pedagogia, ele considera o grande valor social do trabalho de seus colegas pedagogos.” (p. 81)

“A finalidade da educação é a instauração do princípio de realidade, ou seja, é permitir ao indivíduo, submetido ao princípio do prazer, a passagem de pura satisfação das pulsões para um universo simbólico, que faz referência a uma lei, a lei da castração.” (p. 82)

“Mannoni (1973) observa que, na relação professor-aluno, é criada uma barreira entre o um professor “que sabe tudo” e um aluno “que não sabe nada”, que garante e contém um conjunto de proteções e resistências. Na escola, o desejo de saber do aluno se confronta com o desejo do professor, que está ligado a um ideal pedagógico colocado por ele mesmo, desde o início, e que se interdita ao mesmo tempo em que se mostra ao aluno.” (p. 82)

“[...]O que falta nessas pedagogias modernas é considerar questões de grande importância para a psicanálise, tais como a frustração, a agressividade, o conflito e o Édipo, como constituintes da



estruturação da personalidade. Por outro lado, elas se aproximam, principalmente, ao acentuar a importância da energia no interior do sujeito e sua relação com o mundo exterior[...]" (p. 84)

"O educador baseado em idéias psicanalíticas tem que renunciar à atividade excessivamente programada, obsessivamente controlada. Ele pode, a partir da Psicanálise, obter uma ética, um modo de ver e de entender sua prática educativa." (p. 89)

"Os grupos clínicos de análise das práticas docentes abordam a questão do cuidado e do terapêutico, estabelecendo o grupo e a prática profissional como objetos de um trabalho psicanalítico possível. O grupo clínico Balint é o exemplo mais característico de orientação psicanalítica sobre as práticas de educadores. Constitui-se em um dispositivo clínico que reúne profissionais de uma mesma categoria, com um coordenador, analisado ou analista que conduzirá a reflexão no grupo." (p. 91)

"O objetivo do grupo Balint não é solucionar de imediato os problemas dos professores, mas fazer com que possam discernir o que é concreto na relação educativa daquilo que lhe faz sofrer psiquicamente." (p. 92)



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 2

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

MACHADO, Maíla Do Val; CHATELARD, Daniela Sheinkman. A Psicanálise no Hospital: Dos Impasses às Condições de Possibilidades. Agora (Rio de Janeiro) v. XVI n. 1 jan/jun 2013, pp. 135-150.

“[...]Seguindo essas perspectivas, tem-se que a difusão da psicanálise para além do espaço privado do consultório nos remete a uma preocupação em relação à formação do analista e à formalização da práxis analítica. Isso porque essa extensão pode fazer com que os princípios psicanalíticos corram constantemente o risco de perder seu rigor ético e específico. De fato, se essas exigências são perdidas, a psicanálise deixa de ser eficaz.[...]”. (p. 136).

“[...]Ao longo das suas investigações, Freud acaba percebendo que o inconsciente obedece a certa lógica e que os sintomas esquisitos dos quais as pessoas se queixam têm um sentido, desconhecido pelo próprio indivíduo. Pode-se entrever aí que Freud tem grande preocupação com as consequências lógicas das noções que vai construindo para dar conta dos fenômenos aparentemente estranhos e sem sentido com os quais se depara. [...]” (p. 137).

“[...] A partir da prática nos hospitais, observa-se que a extensão da psicanálise para esses espaços pode fazer com que ela se misture com a promoção de tratamentos que visariam simplesmente restabelecer o equilíbrio, o bem-estar, a saúde perdida.[...]” (p. 138).

“O psicanalista pode ser solicitado pelo médico para eliminar um fenômeno psíquico, para tentar acalmar qualquer situação de angústia ou para convencer os pacientes a aceitarem algum procedimento ao qual ele se opõe ou resiste. Eliminar, acalmar, convencer... Esses são termos que frequentemente envolvem o pedido do médico ao analista.”(p. 139).



“O psicanalista, referenciado pela ética do desejo, não está autorizado a ordenar o que é melhor para o sujeito, a partir da posição do sujeito que sabe. De fato, a psicanálise se distancia dos tratamentos conduzidos pelos poderes das palavras ou de vários outros voltados para os medicamentos. A clínica psicanalítica não pretende ajustar o paciente a um padrão de normalidade que exclui as particularidades do sujeito.”(p. 139).

“[...] No entanto, não ceder aos pedidos médicos, tais como são formulados, assim como sustentar o seu discurso num local em que todos os procedimentos estão previamente determinados pelos protocolos e que ainda impõe critérios de eficácia — definidas por uma resolutividade quantificável — são grandes desafios para o psicanalista no hospital.[...].” (p. 139-140).

“A primeira condição à qual Figueiredo (1997) faz referência é o que Freud denominou de realidade psíquica. Essa realidade é uma forma de existência do sujeito que se distingue da realidade material, uma vez que é dominada pelo império da fantasia e do desejo. De acordo com Roudinesco (1998), historicamente, a ideia de realidade psíquica nasceu do abandono da teoria da sedução e da elaboração de uma concepção do aparelho psíquico baseada no primado do inconsciente.” (p. 141).

“A segunda condição mencionada por Figueiredo (1997) consiste na produção de um modo de fala através da transferência. Ela diz que a transferência é o movimento do sujeito que apresenta ao analista algo de sua realidade através da fala. O que se evidencia aí é a ideia freudiana de que a palavra é a ferramenta de trabalho da psicanálise, uma vez que essa fala é dirigida ao analista e circula num contexto transferencial.” (p. 142).

“A terceira condição que Figueiredo (1997) expõe seria determinada concepção do tempo que é a mola-mestra da interpretação, ou seja, “uma palavra ou ação do analista só tem valor de interpretação, como efeito, num tempo posterior” (FIGUEIREDO, 1997, p.125). A concepção de tempo está presente na própria causação psíquica, indicando que o tempo para a psicanálise não é evolutivo nem linear.” (p. 142).



“[...] Ao invés disso, de acordo com Freud, essa concepção corresponde ao esquema da constituição do trauma. Ao tratar sobre a etiologia dos sintomas neuróticos e sobre a noção de trauma, Freud (1896/1996) diz que uma criança pode sofrer uma experiência sexual de efeito traumático. Essa experiência se caracteriza pelo caráter prematuro de uma vivência a ela imposta por um adulto sedutor ou por uma criança mais velha (que já tinha sido seduzida) [...].” (p. 143).

“[...] o analisante pode receber as interpretações do analista com surpresa ou familiaridade, perplexidade ou incompreensão. Pode reconhecer algo que lhe diz respeito. Ao ouvir as palavras do analista, o analisando entende o que pode, pois não há uma correspondência unívoca entre o que o analista diz e o que o paciente interpreta. Daí a importância do analista em manejar suas palavras na análise, pois, estabelecida a transferência, essas falas podem ter efeito de interpretação.[...].” (p. 144).

“No caso dos hospitais, observa-se uma descaracterização e até mesmo uma alteração dos fundamentos da psicanálise por parte dos profissionais que se dizem psicanalistas. A partir do momento em que o psicanalista se insere num local marcado pelos critérios de eficácia e por um discurso que visa à restauração da saúde perdida, ele pode levar a psicanálise a se diluir nesses tratamentos que propõem o bem-estar.”(p. 146).

“Assim, em última análise, concluímos que a aplicação da psicanálise para além dos consultórios privados é viável, mas depende fundamentalmente da implicação do psicanalista nas especificidades dessa clínica e na exigência de um rigor ético de formalização permanente de sua prática. Quando o analista tem clareza de seus propósitos e de sua função, é possível sustentar essa prática fora do enquadre clássico.” (p.147).



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 3

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

MENDES, Ana Magnólia, Bezerra. **Algumas Contribuições Teóricas do Referencial Psicanalítico para as Pesquisas sobre Organizações.** Estudos de Psicologia 2002, 7 (Número Especial), p. 89-96.

“Do ponto de vista epistemológico, tomar de empréstimo da Psicanálise alguns conceitos para entender a dinâmica organizacional significa enfocar os processos intrapsíquicos e o inconsciente como fundamentais na determinação dessa dinâmica, que envolve relações simbólicas indivíduo-organização. É também, considerar o não-dito como um referente para interpretar os dados e entender os fenômenos organizacionais”. (p. 90)

“Ao usar o referencial psicanalítico, busca-se interpretar os fenômenos organizacionais a partir de uma rede de significados, considerando a organização como uma entidade psicológica. Não se negligencia suas formas de funcionamento e processos, e como uma entidade não se teria outro caminho para desvelá-la enquanto “sujeito de si próprio” senão pela captura dessa rede de significados”. (p. 90)

“[...] Para o autor, a Psicanálise vai além da fenomenologia, da interação simbólica e do construtivismo social. A Psicanálise desconfia da verdade, da fala manifesta e adiciona as experiências do passado para explicar fenômenos atuais, não aceitando as evidências dos significados. A busca dessa verdade não é para desmenti-la no nível cognitivo, mas para engajar o seu sentido no nível do significado e do desejo, no nível que não é mentira cognitiva, mas verdade da gratificação do desejo[...]. (p.90)

“[...] De um lado, a Psicanálise precisa dos conceitos da teoria da burocracia, da cultura e do simbolismo organizacional, da emoção, da complexidade, do processo de trabalho, do controle, dos



sistemas abertos, da aprendizagem gerencial e organizacional, dentre outros. De outro, a Psicanálise pode contribuir para as teorias organizacionais com a exploração do inconsciente, usando seus referenciais teóricos para modificar o já posto, procurando provar, testar, desenvolver e transcender alguns dos constructos já estudados pela Psicologia Organizacional tradicional, na tentativa de ampliar os insights sobre o fenômeno estudado[...].(p. 90-91).

“[...] Dos indivíduos e grupos é importante não só observar o que falam ou fazem, mas o como fazem e falam, como por exemplo, a entonação da voz, o uso de slogans e jargões, a linguagem corporal, a manifestação das emoções, os sinais de confiança e desconfiança [...]”. (p. 91)

“[...] No contexto da entrevista fazem-se análises da estrutura dos seus componentes e observação das significações trazidas, identificando a relação do entrevistado com o entrevistador, para compreender o como o entrevistado faz suas trocas no passado e como elas se revelam e/ou atualizam agora no presente, na relação atual [...]” (p. 91).

“As emoções podem ser investigadas a partir do questionamento sobre os sentimentos dos indivíduos em determinado contexto ou quando submetidos a certas situações de trabalho. Tais emoções podem ser relacionadas a aspectos da história de vida do sujeito e a suas características de personalidade, sendo aprofundados elementos que associam experiências passadas com o vivido atualmente, bem como as estratégias de controle destas emoções e suas relações com os outros presentes no contexto de trabalho” (p. 93).

“Uma das maiores contribuições do uso do referencial psicanalítico é a problemática da dúvida, da interpretação e da forma como o conhecimento é construído, sem desconsiderar a importância dos conceitos específicos à Psicanálise, como o inconsciente, a teoria da sexualidade infantil, a teoria das pulsões e a transferência, para o entendimento das relações simbólicas indivíduo-trabalho-organização”. (p. 95)



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia





ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 4

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

DIAS, Mariana Hollweg, SOUSA, Edson Luiz André. **Esporte de Alto Rendimento: Reflexões Psicanalíticas e Utópicas.** Psicologia & Sociedade, 2012; 24(3): p. 729-738.

“Acontece que, dessa forma envolvidos com toda a máquina capitalista, os atletas são muitas vezes tratados como mais uma mercadoria. O rendimento diz o quanto cada um deles vale”. (p. 731)

“[...]A psicanálise evidentemente vem fazer resistência a esta direção mostrando que é quando o sujeito falha na construção da perfeição que um lugar de enunciação é possível[...]”. (p. 731)

“[...]O interessante é que, independentemente da abordagem teórica, o que perpassa essas análises é o fato de encararem a instituição esportiva como forma de manipular, adaptar, disciplinar, segregar, submeter. Raramente é citada alguma possibilidade de resistência desde o esporte[...]”. (p. 731)

“[...]Recorremos ao conceito de narcisismo e seus desdobramentos em eu ideal e ideal do eu para pensar o atravessamento desse discurso no laço social contemporâneo[...]. (p. 732)

“[...]Como uma construção narrativa situada entre o social e a constituição subjetiva, o mito aponta para um ideal social contemporâneo que se presentifica na prática esportiva de alto rendimento e que não é sem consequências para o sujeito atleta que se põe a realizá-lo[...]”. (732)

“Na medida em que responde ao chamado do discurso do alto rendimento, o que move o sujeito atleta não passa apenas pela via imaginária da busca por um estado mítico de onipotência outrora perdido, mas também por uma via de inscrição simbólica”. (p. 733)



“Através da escuta do grande sofrimento do esportista de alto rendimento seriamente lesionado, podemos perceber que muitas vezes aquilo que é da ordem da impossibilidade como meta a ser atingida, dado os limites do real do corpo, é imaginariamente experenciado como impotência, o que não é sem consequências para o sujeito, que muitas vezes acaba encarando essas situações-limites como uma grande ferida narcísica, o que inclusive, muitas vezes, dificulta o período de recuperação”. (p. 734).

“[...]Então, pensamos na potência da escuta psicanalítica no trabalho com esses atletas. Ao contrário de muitas teorias psicológicas que com suas técnicas parecem visar continuar tamponando a falta, a psicanálise, numa interlocução com o treinamento esportivo, permite resgatar a dimensão desejante tantas vezes negligenciada na instituição esportiva[...]”. (p. 737).



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 5

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

LIMA, Carolina Mousquer; POLI, Maria Cristina. **Música e um Pouco de Silêncio: da Voz ao Sujeito.** Ágora (Rio de Janeiro), 2012; v. 15: p. 371-387.

“Nesse espaço, portanto, música e clínica se conjugam, demonstrando igualmente quão clínico é o trabalho de uma oficina. Primeiro, porque manter os ouvidos abertos ao próximo acorde abre um espaço de espera pelo Outro. Depois, porque esse espaço de espera é aquilo que, na clínica, resguarda um espaço para o novo. Afinal, o trabalho do analista também é uma lida com as distensões e contrações do tempo. A aposta de quem escuta e daquele que padece é de que, aos poucos, vai ser possível ritmar de outra forma o mesmo e o novo, a repetição e a diferença.”(p. 373).

“[...]Ou seja, quando, em relação à alucinação, o paciente não se encontra em posição de sujeito. É, no entanto, a segunda proposição que nos interessa de forma especial nesse momento. Ela resguarda o caráter sempre verbal e não necessariamente auditivo da alucinação, já que o sujeito pode escutar as vozes sem que, no entanto, um som se produza[...]”.(p. 374).

“[...]O argumento do autor baseia-se no fato de que, nessas sociedades, entendia-se que ouvir determinada música teria o poder de reverter a forclusão do traço unário geradora do delírio[...]”. (p. 382).

“De acordo com sua formulação, a interpretação teria o poder de dissolver os sintomas neuróticos, mas não o delírio, em razão de o significante forcluído não ser traduzível por outra palavra, não permitindo equívocos como o chiste. Assim, a palavra do analista, dirigida ao inconsciente, não alcançaria esse significante que está no real”.(p. 382).



“No espaço das oficinas aqui relatadas, poderíamos dizer que a música auxiliava na construção ou no resgate de algumas histórias. Esse trabalho era geralmente operado pela letra da música, que funcionava como disparadora de memórias. Ali elas podiam ser compartilhadas, e então encontrávamos como seguir adiante”.(p. 384).

“Sabemos que o trabalho de uma análise é permitir que o sujeito narre a sua história de diferentes formas; como dissemos antes, também a música é um fazer com o tempo. A letra desta música nos coloca uma questão. “Que o que aconteceu ainda esteja por vir” nos fala de um tempo em que o acontecido pode acontecer novamente”.(p. 384).



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 6

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

FURTADO, Juarez Pereira; TUGNY, Augustin; BALTAZAR, Ana Paula; KAPP, Silke; GENEROSO, Cláudia Maria; CAMPOS, Florianita Coelho Braga; GUERRA, Andréa Maris Campos; NAKAMURA, Eunice. **Modos de Morar de Pessoas com Transtorno Mental Grave no Brasil: uma Avaliação Interdisciplinar.** Ciência & Saúde Coletiva , 2013; 18(12): p. 3683-3693.

“A demanda por moradias de pessoas com transtorno mental grave (TMG) é uma implicação fundamental da mudança do modelo de assistência em saúde mental no Brasil, uma vez que prioriza o direcionamento do cuidado para a comunidade, superando a centralidade do hospital psiquiátrico. Tanto aqueles que deixaram tais hospitais quanto aqueles que, por meio do acompanhamento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), prescindiram de internações prolongadas, apresentam necessidades peculiares de habitação nesse novo contexto”. (p. 3684).

“Também no Brasil o advento dos SRT e o avanço do tratamento comunitário têm impulsionado estudos sobre as condições de moradia da clientela, permitindo traçar paralelos entre a vida no hospital e na nova moradia e compreender eventuais repercussões na subjetividade dos usuários”. (p. 3684).

“A ideia do significado, na perspectiva antropológica, pressupõe a interação entre pensamento e experiência; o que implica que, ao se analisar o significado de moradia para pessoas em situação de sofrimento mental seja necessário conhecer o modo como vivem e se organizam nas moradias. A categoria “pessoa”, tomada como unidade socialmente investida de significação, permite analisar tensões entre os diferentes modos pelos quais os homens se realizam no mundo”.(p. 3688).



“[...] Esse segundo conceito privilegiado na perspectiva antropológica, a noção de pessoa, permite analisar relações e tensões no modo como os moradores se reconhecem inseridos na vida social e são reconhecidos nesse sentido pelos outros[...]”. (p. 3688).

“Habitar significa mais do que a utilização físico-funcional de uma construção. A configuração espacial da moradia e da cidade possibilita ou interdita gestos e comportamentos, baliza e reflete formas de sociabilidade, participa na constituição de identidades e na integração de memórias coletivas e individuais. Assim, a análise das formas de habitação das pessoas com TMG a partir do campo da arquitetura procurou abranger essas múltiplas dimensões da interação de indivíduos e grupos com objetos e situações espaciais”.(p. 3689).

“A relação entre as pessoas com TMG que moram sozinhas e as instituições com as quais precisam lidar no cotidiano urbano também provocam vontades e resistências que nos parecem importantes indícios do processo de inserção social”.(p. 3689).

“Para a psicanálise, o sujeito diz respeito à experiência do inconsciente. Lacan, na interpretação do texto freudiano, revela que é na linguagem que o sujeito do inconsciente se manifesta, sendo uma experiência fugaz, na qual se abre uma fenda por onde algo de não sabido surge, configurando-se nas vivências dos atos falhos, sonhos, sintomas que se expressam no corpo e no indivíduo que fala”. (p. 3690).

“[...] Nesse sentido, a posição na linguagem de cada sujeito interfere na (re)construção do seu modo de habitar a vida, tal como os paranoicos que evidenciam uma relação mais consistente com o Outro, os esquizofrênicos que buscam soluções mais referidas ao corpo, os melancólicos que se destacam pelas suas dificuldades para sustentar o Outro. São observações que devem ser consideradas, mas não entendidas de forma a engessar soluções conforme o tipo clínico, o que levaria a uma leitura reducionista[...]”. (p. 3690).

“Com relação aos SRTS, depreende-se a necessidade de diversificação de opções, uma vez que a estruturação do espaço de habitação requer plasticidade aos intentos de seus moradores e flexibilidade no suporte. Mas trata-se de uma diversificação não restrita à simples ampliação dos tipos predefinidos



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia



que irão impor ao sujeito e às suas necessidades específicas a construção de ideais externos". (p. 3691).



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 7

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

DUARTE, Daniele Almeida; CASTRO, Mariana Devito; HASHIMOTO, Francisco. Psicologia do Trabalho e Psicanálise: Uma Possibilidade de Compreensão do Sofrimento Psíquico.

“[...] A Psicanálise fornece informações sobre o trabalho e os trabalhadores em geral, quando propõe um questionamento fundamental sobre qual seria o lugar do Desejo e do Sujeito no trabalho. Desta maneira, pretende-se averiguar a constituição do sujeito psicanalítico para entender quais meios podem colaborar para a promoção e manutenção da saúde do trabalhador e, consequentemente, a redução do sofrimento psíquico[...]”. (p. 2).

“[...] Buscou-se na Escola das Relações Humanas um aumento da produtividade em decorrência da eliminação do conflito no interior da empresa. Dessa forma, a Psicologia orientava-se pelas diferenças individuais, pelo funcionalismo e pelo behaviorismo. Suas principais atividades eram voltadas para o aumento da produtividade, prestando trabalhos de consultoria e utilizando testes psicológicos[...]" (p. 4).

“Criar consciência do caráter instrumental que a Psicologia Industrial e a Psicologia Organizacional assumiram foi o começo para que se instaurasse um processo de transformação e possibilitaram a transição para a terceira face, a Psicologia do Trabalho. A partir do movimento da Escola Contigencialista da Administração, a Sociologia do Trabalho e a própria Psicologia do Trabalho, novas nuances foram percebidas e as propostas passaram a ter outro caráter, a compreensão do trabalho humano” (p. 4).

“É fato que o indivíduo, quando é impelido pela organização a reprimir seus desejos, sofre. Esse sofrimento é decorrente também de precárias condições de trabalho e pressões impostas por essa



organização. Entretanto, nem sempre o sofrimento é prejudicial à saúde física e mental do trabalhador". (p. 6)

“[...] Assim, o homem, sob o prisma psicanalítico, tem a liberdade e oportunidade de voltar o olhar para si mesmo e para as suas necessidades físicas e psicológicas[...]”. (p. 7).



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 8

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

HOPE, Martha Mariene Wankler; FOLBERG, Maria Nestrovsky. **O Desejo e a Aprendizagem da Leitura e da Escrita.** Ágora (Rio de Janeiro), 2017; 20(1): 147-158.

“A presença da psicanálise no campo das aprendizagens escolares pode proporcionar subsídios para a melhor compreensão das práticas educativas. As propostas didático-pedagógicas de alfabetização são conduzidas, em grande medida, por meio de modelos tecnicistas que propõem a transferência da cadeia sonora da fala para a forma gráfica da escrita de modo eficiente”. (p. 148)

“[...]É observando esse outro semelhante falar que a criança responderá dirigindo a sua fala e, ao falar, rompe com o estado de unicidade com a mãe caracterizado pela condição imaginária de uma existência sem fissuras, de uma ilusão de totalidade. Ao falar, a criança promove uma ruptura que a coloca no espaço simbólico da linguagem, como sujeito barrado, dividido entre uma existência anterior e essa que assume como ser falante[...]” (p. 149).

“[...] O importante é compreender como a aprendizagem vai ocupar o lugar de objeto do desejo e evidenciar os resultantes das articulações dos significantes nas diferentes figuras do conhecimento. Isso pode ser constatado no desempenho da criança na escola e cabe ao professor reconhecer, por meio da avaliação de sua didática e da intersubjetividade construída com essa criança, se o processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita está promovendo a abertura para o conhecimento[...]”. (p. 149).

“As disciplinas que abordam as questões educacionais como a sociologia, a antropologia, a psicologia, a pedagogia e as neurociências apresentam fundamentos distintos da teoria psicanalítica. Entretanto, mesmo que o processo formal de aprendizagem no campo da educação não seja objeto da



psicanálise, entendemos que o diálogo entre as diferentes formas de conceber o sujeito pode abrir questões e oferecer novas perspectivas ao tema”. (p. 150)

“[...]Estas duas estruturas, metáfora e metonímia, são operações que permitem a compreensão, tanto dos elementos que se sucedem na fala quanto daqueles que fazem emergir o sentido[...]”. (p. 151)

“Sabemos que o ato de ler é parte da construção da linguagem humana. Podemos defini-lo como o ato de deciframento de signos linguísticos operados por meio do olhar sobre o texto, dos dedos sobre a superfície (na leitura em Braile) ou dos ouvidos que registram as entonações. Essa forma de leitura tem como referência a decodificação de signos, de símbolos e de imagens, bem como a associação da visualização da palavra com seu som, na formação do sentido da mensagem”. (p. 152)

“[...] Os mecanismos articulatórios da fala e os processos neurológicos envolvidos na leitura e na escrita são da mesma ordem no corpo do sujeito que opera essas funções. De um lado, falamos do corpo físico que emite sons e ressoa em todo o seu espaço, produzindo efeitos comportamentais no meio, como afirmam os behavioristas; por outro lado, referenciamos a concepção psicanalítica do corpo que fala como semblante e como gozo na dimensão do discurso [...].” (p. 152)

“A linguagem, como espaço do simbólico, é o lugar da inscrição dos sons da fala e dos traços e signos que constituem a escrita. A linguagem nos leva à noção de texto e de tecitura, como uma trama de significantes que vão formar os sentidos da linguagem”. (p. 152).

“A construção do texto é ato do corpo e das mãos que transcende, com seu efeito, na transposição para a linguagem, a necessidade motora e abandona seu mecanismo para ceder ao movimento da cadeia significante”. (p. 154).

“Ao aprender, a criança pequena vive a intensidade de seu mundo fantasmático e necessita expressá-lo em movimentos, palavras e traços. Estes atos envolvem o corpo, a fala e as expressões gráficas espontâneas, bem como as relações com a família e com professores. É nesta rede de significações proporcionada pela linguagem que irá circular, de modo singular, o desejo de aprender”. (p. 157)



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 9

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

MAIA, Maria Vitória Campos Mamede; PINHEIRO, Nadja Nara Barbosa. **Um Psicanalista Fazendo Outra Coisa: Reflexões Sobre Setting na Psicanálise Extramuros.** Psicologia: Ciência e Profissão, 2011, 31(3), 656-667.

“[...]Nesses momentos iniciais, vimos nosso trabalho sendo questionado, pressionado, colocado em xeque; nesses momentos, as ocorrências pareciam indicar a impossibilidade de se psicanalizar nesses contextos, que nos demandavam uma posição diferente daquela que nós nos acostumáramos a supor que seria a de um psicanalista, contextos que exigiram de nós a aceitação de uma postura diferenciada no sentido de assumirmos, a partir do referencial da psicanálise, um lugar de escuta, de contenção, de organização, de diálogo com outros profissionais, com outros personagens da vida do paciente, com seus amigos, parentes, filhos, etc [...].” (p. 662)

“[...] Porém, o fato de nem todos os pacientes terem embarcado na psicanálise não nos parece motivo suficiente para não tentá-la sempre, pois, se tomarmos a perspectiva da psicanálise, não há subjetividade sem divisão, não há sujeito sem conflito, não há sofrimento humano que se organize a partir de uma lógica simplista e direta que não leve em conta a existência do Inconsciente[...].” (p. 663)

“[...] Até mesmo dentro de seu consultório, Freud nos fornece um belo exemplo sobre os preparativos de uma análise que poderá vir-a-ser, ou não. E em nada vemos o autor questionar a validade e a adequação de seu trabalho nesse contexto[...]. (p. 663)

“A perspectiva winnictiana ao contrário, nos informa que tanto a mãe quanto o analista facilitariam o desenvolvimento de seu bebê/ paciente se pudessem responder de uma forma ativa e viva às suas necessidades. Acreditamos, assim, que a ocorrência de uma adaptação ativa às necessidades do



paciente depende da possibilidade do analista em se abrir ao inusitado, como nos exemplos clínicos que apresentamos[...]".

"[...] Os lugares serão apenas suportes materiais para que uma outra cena se inaugure, uma outra narrativa seja possível, uma outra história possa ser contada[...]".(p. 665)



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 10

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

SABBAGH, Ana Luísa Masetti; SCHNEIDER, Venicius Scott. *Limites e Possibilidades da Escuta Clínica Dentro de um Hospital Geral*. Ágora (Rio de Janeiro), 2020, 23(3), 109-116.

“Tendo em vista, portanto, que a presença do psicanalista no espaço hospitalar não implica necessariamente na sua inserção imediata na equipe, e que o espaço ocupado é fruto de uma construção constante, trazer reflexões e discussões a respeito da prática neste ambiente se faz relevante a fim de oportunizar uma maior troca de experiências entre os psicanalistas que trabalham em instituições de saúde e contribui para a formação dos praticantes”. (p. 110).

“[...]A proposta de trabalho da equipe de saúde tende a ser pautada pelo modelo biomédico, o qual preconiza um saber inequívoco, objetivo e positivista a respeito do objeto de estudo – no caso, as enfermidades a serem estudadas e, dentro do possível, tratadas e curadas. O trabalho médico é feito empiricamente, com foco no que é apreensível através de exames, do histórico médico pregresso e do olhar treinado dos profissionais da área da saúde[...]”. (p. 111).

“[...]A dimensão humana de que falamos é, também, de fundamental importância ao tratarmos de um paciente internado, pois o hospital, enquanto instituição de saúde, se vale majoritariamente na via protocolar no tratamento dos enfermos. Ao sustentarmos a presença da subjetividade no ambiente hospitalar, emergem aspectos das vidas dos pacientes, os quais muitas vezes são pausados enquanto eles se encontram hospitalizados, e, nessas rupturas, há o risco de emergirem questões anteriormente veladas para e pelo próprio sujeito[...]”. (p. 113).

“[...]Diante desse equívoco no encaminhamento do caso, a escuta vai se tornando ruidosa, e a afinação é feita baseada em assumpções pessoais, isto é, o fundamento para as intervenções não mais é um manejo da transferência pautado pelos conceitos fundamentais da psicanálise, nem o conteúdo é



escutado em atenção flutuante, e sim uma escuta focada no que aparenta – na realidade construída por aquele que escuta – ser importante, aproximando mais a conduta de uma clínica do olhar do que de uma clínica da escuta[...].(p. 114).

“Os obstáculos que dizem respeito à infraestrutura e à rotina hospitalar podem se colocar a qualquer momento e podem representar uma dificuldade extra quando tratamos de inserir o psicanalista nesta instituição. No entanto, em última instância, não são impeditivos para que se operacionalize uma clínica fundada nos conceitos psicanalíticos, uma vez que o praticante não depende de recurso algum além da palavra para poder colocar sua clínica em prática”.(p. 116).



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 11

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

SIGMUND, F. Totem e Tabu e Outros Trabalhos. Ímago Editora, 1913-1914, 13, 7-58.

“E chegamos agora, por fim, à característica do sistema totêmico que atraiu o interesse dos psicanalistas. Em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, consequentemente, contra o seu casamento. Trata-se então da ‘exogamia’, uma instituição relacionada com o totemismo”. (p. 9).

“A linguagem dessas tribos australianas apresenta uma peculiaridade que sem dúvida alguma tem relação com o que estamos tratando: os termos por elas empregados para expressar os diversos graus de parentesco não denotam uma relação entre dois indivíduos, mas sim entre um indivíduo e um grupo. Foi isto que L. H. Morgan [1877] denominou de sistema ‘classificatório’ de parentesco”. (p. 10).

“A exogamia totêmica, ou seja, a proibição de relações sexuais entre os membros do mesmo clã, parece ter constituído o meio apropriado para impedir o incesto grupal; dessa maneira, estabeleceu-se e persistiu muito tempo após a sua raison d’être haver cessado”.(p. 11).

“Entretanto, enquanto a exogamia totêmica dá a impressão de ser uma ordenação sagrada de origem desconhecida - em suma, de ser um costume - a complicada instituição das classes matrimoniais, com suas subdivisões e os regulamentos que a elas se vinculam, parece mais o resultado de uma legislação deliberada, que pode talvez ter-se encarregado de assumir a prevenção do incesto, em virtude do declínio da influência do totem”. (p. 12).

“[...]Mas o fato de que nas sociedades civilizadas as sogras sejam tema constante de piadas parece-me sugerir que a relação emocional em jogo inclui componentes nitidamente contrastantes, ou seja,



acredito que esta relação seja na realidade uma relação ‘ambivalente’, composta de impulsos conflitantes afetuosos e hostis[...]. (p.16).

“Mas podemos apresentar outros motivos que não estes, graças ao conhecimento dos impulsos mentais ocultos que adquirimos no exame psicanalítico dos seres humanos. Uma mulher cujas necessidades psicossexuais deveriam encontrar satisfação no casamento e na vida de família é muitas vezes ameaçada pelo perigo de ficar insatisfeita porque sua relação matrimonial chegou a um fim prematuro e por causa da monotonia de sua vida emocional”. (p.16).

“[...]Um neurótico, por outro lado, apresenta invariavelmente um certo grau de infantilismo psíquico; ou falhou em libertar-se das condições psicossexuais que predominavam em sua infância ou a elas retornou; duas possibilidades que podem ser resumidas como inibição e regressão no desenvolvimento. Assim, as fixações incestuosas da libido continuam (ou novamente começam) a desempenhar o papel principal em sua vida mental inconsciente[...].(p.17).

“Os tabus podem ser permanentes ou temporários. Entre os primeiros estão os ligados a sacerdotes e chefes, bem como a pessoas mortas e a qualquer coisa que lhes pertença. Os tabus temporários podem evitar estar vinculados a certos estados particulares, como a menstruação e o parto, a guerreiros antes e depois de uma expedição, ou a atividades especiais como a caça e a pesca”.(p.20).

“Wundt tem importantes pontos de vista sobre a dupla significação do tabu, embora não sejam expressos com muita clareza. Segundo ele, a distinção entre ‘sagrado’ e ‘impuro’ não existia nos primórdios do tabu. Por esse mesmo motivo, esses conceitos eram, nesse período, destituídos da significação peculiar que só poderiam adquirir quando se tornassem opostos um ao outro. Animais, seres humanos ou localidades sobre os quais se impunha um tabu eram ‘demoníacos’, não ‘sagrados’, nem, por conseguinte ‘impuros’, no sentido que foi posteriormente adquirido”. (p.23).

“[...]O máximo que um paciente obsessivo pode dizer sobre esse ponto é que tem uma sensação indefinida de que determinada pessoa do seu ambiente será atingida como resultado da violação. Nada se sabe sobre a natureza do mal e na realidade até mesmo essa dose insignificante pequena de informação é com mais frequência obtida em conexão com as ações expiatórias e defensivas que mais adiante teremos de examinar do que com as próprias proibições[...].(p. 23-24).



“Não nos podemos surpreender com o fato de nas restrições do tabu, o tocar desempenha papel semelhante ao representado nas ‘fobias de contato’, embora o significado secreto da proibição não possa ser de uma natureza tão especializada no tabu como o é na neurose”. (p.29).

“[...]O tabu é uma proibição primeva forçadamente imposta (por alguma autoridade) de fora, e dirigida contra os anseios mais poderosos a que estão sujeitos os seres humanos. O desejo de violá-lo persiste no inconsciente; aqueles que obedecem ao tabu têm uma atitude ambivalente quanto ao que o tabu proíbe[...]”. (p.30).

“A projeção da hostilidade inconsciente sobre os demônios, no caso do tabu relativo aos mortos, é apenas um exemplo de um certo número de processos aos quais se deve atribuir a maior importância na formação da mente primitiva. No caso de que estivemos tratando, a projeção serviu ao objetivo de manejar um conflito emocional, sendo empregada da mesma maneira num grande número de situações psíquicas que conduzem às neuroses”. (p.51).

“Nossos estudos, pelo contrário, conduziram-nos à simples conclusão de que a palavra ‘tabu’ possuiu um sentido duplo desde o início e foi usada para designar um tipo específico de ambivalência e tudo o que dela surgiu. ‘Tabu’, em si própria, é uma palavra ambivalente e, olhando-se para trás, sente-se que só o significado bem comprovado da palavra teria tornado possível inferir - coisa a que na realidade se chegou como resultado de amplas pesquisas - que as proibições do tabu devem ser compreendidas como consequências de uma ambivalência emocional”. (p.53).

“Em primeiro lugar, descobrimos que um dos aspectos do caráter dos neuróticos obsessivos é uma escrupulosa conscienciosidade que é um sintoma reagindo contra a tentação a espreitar no inconsciente. Se a doença se torna mais aguda, desenvolvem um senso de culpa do mais intenso grau”. (p.54).

“A natureza associal das neuroses tem sua origem genética em seu propósito mais fundamental, que é fugir de uma realidade insatisfatória para um mundo mais agradável de fantasia. O mundo real, que é assim evitado pelos neuróticos, acha-se sob a influência da sociedade humana e das instituições coletivamente criadas por ela. Voltar as costas à realidade é, ao mesmo tempo, afastar-se da comunidade dos homens”. (p.57-58).



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia





ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 12

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

SIGMUND, F. Totem e Tabu e Outros Trabalhos. Ímago Editora, 1913-1914, 13, 59-114.

“Os trabalhos que procuram aplicar as descobertas da psicanálise ao campo das ciências mentais ressentem-se do inevitável defeito de oferecer muito pouco aos leitores de ambas as classes.” (p.59)

“O animismo, em seu sentido mais estrito, é a doutrina de almas e, no mais amplo, a doutrina de seres espirituais em real.” (p.59)

“[...]As almas que vivem nos homens podem deixar suas habitações e emigrar para outros seres humanos; são o veículo das atividades mentais e são até certo ponto independentes de seus corpos[...].” (p.59)

“A maioria das autoridades inclina-se a pensar que estas ideias de alma constituem o núcleo original do sistema animista que os espíritos são apenas almas que se tornaram independentes e que as almas de animais, vegetais e objetos foram construídas por analogia com almas humanas.” (p.59-60)

“[...]A magia é o ramo mais primitivo e mais importante da técnica animista, porque, entre outros, os métodos mágicos podem ser utilizados para tratar com os espíritos e a magia pode ser aplicada também a casos onde, segundo nos parece, o processo de espiritualização da natureza ainda não foi realizado[...]” (p. 61).

“A magia tem de servir aos mais variados propósitos - ela deve submeter os fenômenos naturais à vontade do homem, proteger o indivíduo de seus inimigos e de perigo, bem como conceder-lhe poderes para prejudicar os primeiros. Mas o princípio em cuja pressuposição a ação mágica se baseia



- ou, mais propriamente, o princípio da magia - é tão notável que nenhuma das autoridades deixou de identificá-lo.” (p.61).

“[...]Uma supervalorização geral ocorreu assim com todos os processos mentais - isto é, uma atitude para com o mundo que, em vista de nosso conhecimento da relação entre a realidade e o pensamento, não pode deixar de impressionar-nos como uma supervalorização do pensamento[...].” (p.65).

“Assim, a primeira imagem que o homem formou do mundo - o animismo - foi psicológica. Não precisou então de base científica, uma vez que a ciência só começa depois de ter-se dado contra de que o mundo é desconhecido e que, por conseguinte, tem-se de procurar meios para conseguir conhecê-lo.” (p.69).

“A técnica do animismo, da magia, revela, da maneira mais clara e inequívoca, uma intenção de impor as leis que regem a vida mental às coisas reais; nisto, os espíritos não precisam ainda desempenhar nenhum papel, embora possam ser tomados como objetos de tratamento mágico.” (p.69).

“Os espíritos e os demônios, como demonstrei no último ensaio, são apenas projeções dos próprios impulsos emocionais do homem. Ele transforma as suas catexias emocionais em pessoas, povoia o mundo com elas e enfrenta os seus processos mentais internos novamente fora de si próprio... ” (p.70)

“[...]o animismo é um sistema de pensamento, a primeira teoria completa do universo e passarei agora a tirar certas conclusões a partir da visão psicanalítica desse tipo sistema. A cada dia de nossa vida, a experiência pode nos mostrar as características principais de um ‘sistema’[...].” (p.71).

“[...]Tudo o que se relaciona com o totemismo parece misterioso: os problemas decisivos relacionam-se com a origem da idéia da descendência do totem e com as razões para a exogamia (ou melhor, para o tabu sobre o incesto de que a exogamia é expressão), bem como a relação entre estas duas instituições, a organização totêmica e a proibição do incesto[...] ”. (p.80)

“A primeira teoria psicológica de Frazer, formulada antes de familiarizar-se com as observações de Spencer e Gillen, baseava-se na crença numa ‘alma externa’. O totem, de acordo com esse ponto de



vista, representava um lugar seguro de refúgio em que alma podia ser depositada, fugindo assim aos perigos que a ameaçavam.” (p.86).

“Parece-me muito notável que Westermarck considere que esta aversão inata às relações sexuais com alguém de quem se foi íntimo na infância seja também o equivalente, em termos psíquicos, do fato biológico de ser a endogamia prejudicial à espécie”. (p.90)

“A primeira consequência de nossa substituição é notabilíssima. Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago - não matar o totem e não ter relações sexuais com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou redespertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses.”. (p. 96).

“[...]Não é exato dizer que os neuróticos obsessivos, curvados sob o peso de uma moralidade excessiva, estão-se defendendo apenas da realidade psíquica e se punindo através de impulsos que foram simplesmente sentidos. A realidade histórica também tem a sua parte na questão[...]”. (p.114).



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 13

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

SIGMUND, F. O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos. Ímago Editora, 1927-1971, 21, 3-37.

“[...]A maioria das pessoas foi obrigada a restringir-se a somente um ou a alguns de seus campos. Entretanto, quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro[...]”. (p.4).

“[...]Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extraír a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível[...]”. (p.4-5).

“[...]A civilização, portanto, tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa. Visam não apenas a efetuar uma certa distribuição da riqueza, mas também a manter essa distribuição; na verdade, têm de proteger contra os impulsos hostis dos homens tudo o que contribui para a conquista da natureza e a produção de riqueza[...]”. (p.5).

“Esse fato psicológico tem importância decisiva para nosso julgamento da civilização humana. Onde, a princípio, poderíamos pensar que sua essência reside no controle da natureza para o fim de adquirir riqueza, e que os perigos que a ameaçam poderiam ser eliminados por meio de uma distribuição apropriada dessa riqueza entre os homens, parece agora que a ênfase se deslocou do material para o mental”. (p.6).



“[...]A grandiosidade do plano e sua importância para o futuro da civilização humana não podem ser discutidas. É algo firmemente baseado na descoberta psicológica segundo a qual o homem se acha aparelhado com as mais variadas disposições instintuais, cujo curso definitivo é determinado pelas experiências da primeira infância[...]”. (p.7)

“[...]A intensidade dos desejos incestuosos ainda pode ser detectada por detrás da proibição contra eles, e, sob certas condições, o matar ainda é praticado, e, na verdade, ordenado, por nossa civilização. É possível que ainda tenhamos pela frente desenvolvimentos culturais em que a satisfação de outros desejos, inteiramente permissíveis hoje, parecerá tão inaceitável quanto, atualmente, o canibalismo[...]”. (p.8).

“O ponto até o qual os preceitos de uma civilização foram internalizados - ou, para expressá-lo de modo mais popular e não psicológico, o nível moral de seus participantes-, não constitui a única forma de riqueza mental que entra em consideração ao se avaliar o valor de uma civilização”. (p.9).

“A satisfação narcísica proporcionada pelo ideal cultural encontra-se também entre as forças que alcançam êxito no combate à hostilidade para com a cultura dentro da unidade cultural”. (p.10).

“[...]A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela[...]”. (p.11)

“[...]É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer - reação que é, exatamente, a formação da religião[...]”. (p.17).

“[...]O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. Com respeito a isso, aproximam-se dos delírios psiquiátricos, mas deles diferem também, à parte a estrutura mais complicada dos delírios. No caso destes, enfatizamos como essencial o fato de eles se acharem em contradição com a realidade[...]”. (p.21).



“[...]A maioria dessas neuroses infantis é super espontâneamente no decurso do crescimento, sendo isso especialmente verdadeiro quanto às neuroses obsessivas da infância. O remanescente pode ser eliminado mais tarde ainda, através do tratamento psicanalítico[...]”. (p.29).

“É possível que a educação libertada do ônus das doutrinas religiosas não cause grande mudança na natureza psicológica do homem”. (p.36).

“[...]Existem diversos campos em que ainda não superamos uma fase de pesquisa na qual fazemos experiências com hipóteses que em breve têm de ser rejeitadas como inadequadas; em outros campos, porém, já possuímos um cerne de conhecimento seguro e quase inalterável[...]”. (p.37)



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 14

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

SIGMUND, F. O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos. Ímago Editora, 1930-1971, 21, 42-98.

“Uma reflexão mais apurada nos diz que o sentimento do ego do adulto não pode ter sido o mesmo desde o início. Deve ter passado por um processo de desenvolvimento, que, se não pode ser demonstrado, pode ser construído com um razoável grau de probabilidade. Uma criança recém-nascida ainda não distingue o seu ego do mundo externo como fonte das sensações que fluem sobre ela. Aprende gradativamente a fazê-lo, reagindo a diversos estímulos”. (p.43-44).

“[...]As fronteiras desse primitivo ego em busca de prazer não podem fugir a uma retificação através da experiência. Entretanto, algumas das coisas difíceis de serem abandonadas, por proporcionarem prazer, são, não ego, mas objeto, e certos sofrimentos que se procura extirpar mostram-se inseparáveis do ego, por causa de sua origem interna[...]”. (p.44).

“A complicada estrutura de nosso aparelho mental admite, contudo, um grande número de outras influências. Assim como a satisfação do instinto equivale para nós à felicidade, assim também um grave sofrimento surge em nós, caso o mundo externo nos deixe definhá, caso se recuse a satisfazer nossas necessidades”. (p.51).

“[...]A fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuemente intoxicante. A beleza não conta com um emprego evidente; tampouco existe claramente qualquer necessidade cultural sua. Apesar disso, a civilização não pode dispensá-la[...]”. (p.54).

“[...]Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas. O homem predominantemente erótico dará preferência aos seus



relacionamentos emocionais com outras pessoas; o narcisista que tende a ser auto-suficiente, buscará suas satisfações principais em seus processos mentais internos; o homem de ação nunca abandonará o mundo externo, onde pode testar sua força[...]" (p.55)

“A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante - maneira que pressupõe uma intimidação da inteligência”. (p.55).

“[...]Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade[...]" (p.57).

“[...]A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados[...]" (p.62).

“[...]A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada[...]" (p.63).

“[...]Como já sabemos, é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar. Também ela fará exigências severas à nossa obra científica, e muito teremos a explicar aqui. Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação um instinto[...]" (p.64).

“A tendência por parte da civilização em restringir a vida sexual não é menos clara do que sua outra tendência em ampliar a unidade cultural. Sua primeira fase, totêmica, já traz com ela a proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou. Os tabus, as leis e os costumes impõem novas restrições, que influenciam tanto homens quanto mulheres”. (p.66).

“Quando, com toda justiça, consideramos falho o presente estado de nossa civilização, por atender de forma tão inadequada às nossas exigências de um plano de vida que nos torne felizes, e por permitir



a existência de tanto sofrimento, que provavelmente poderia ser evitado; quando, com crítica impiedosa, tentamos pôr à mostra as raízes de sua imperfeição, estamos indubitavelmente exercendo um direito justo, e não nos mostrando inimigos da civilização”. (p. 73).

“[...]O conceito do narcisismo possibilitou a obtenção de uma compreensão analítica das neuroses traumáticas, de várias das afecções fronteiriças às psicoses, bem como destas últimas. Não foi necessário abandonar nossa interpretação das neuroses de transferência como se fossem tentativas feitas pelo ego para se defender contra a sexualidade, mas o conceito de libido ficou ameaçado[...]”. (p.74).

“[...]Visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa[...]”. (p.83).

“[...]O processo da civilização da espécie humana é, naturalmente, uma abstração de ordem mais elevada do que a do desenvolvimento do indivíduo, sendo, portanto, de mais difícil apreensão em termos concretos; tampouco devemos perseguir as analogias a um extremo obsessivo[...]”. (p.87).



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 15

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

SIGMUND, F. “**Gradiva**” de Jensen e Outros trabalhos. Ímago Editora, 1906-1908, 9, 4-54.

“Mas estamo-nos adiantando muito. Ainda não se trata de determinar se o significado de um sonho pode ser sempre interpretado como um desejo realizado, ou se acaso não poderá, com a mesma frequência, representar uma expectativa ansiosa, uma intenção, uma reflexão, etc. Ao contrário, a primeira pergunta que se nos apresenta é se realmente possuem os sonhos algum significado, e se devem ser considerados como eventos mentais”. (p.5).

“[...]Mesmo o tratamento sério de um caso real de doença desse tipo só poderia ter sequência situando-se inicialmente no mesmo plano da estrutura delirante e passando-se então a investigá-la o mais completamente possível. Se Zoe for a pessoa indicada para esse trabalho, sem dúvida logo aprenderemos como curar um delírio como o do nosso herói, e também teremos a satisfação de saber como tais delírios têm início[...]”. (p.13).

“[...]Assim sendo, não se trata de produtos arbitrários de sua imaginação, tendo sido essas fantasias determinadas, sem que ele soubesse disso, pelo acervo de impressões infantis esquecidas, mas ainda nele atuantes. Seria possível para nós, ainda que só possamos conjecturar sobre elas, mostrar em detalhe a origem dessas fantasias[...]”. (p.18-19).

“[...]Sua queixa aplica-se, com a mesma palavra, tanto ao homem que ela amava quanto a seu pai. O arqueoptérix é, podemos dizer, uma idéia conciliatória ou intermediária, na qual seu pensamento sobre a insensatez do homem amado coincidiu com o pensamento análogo sobre seu pai[...]”. (p.20).

“[...]É verdade que o reprimido, via de regra, não pode emergir da memória sem maiores dificuldades, mas conserva uma capacidade de ação efetiva e, sob a influência de algum evento externo, pode vir



a ter consequências psíquicas que podem ser consideradas como produtos da modificação da lembrança esquecida e como derivados dela, e que, se não forem vistas por esse prisma, permanecerão incomprensíveis[...]" (p.20).

“Vale a pena fazer uma pausa para observar em casos patológicos como a mente humana se torna sensível, em estados de repressão, a qualquer aproximação do que foi reprimido, e como até mesmo leves semelhanças bastam para que por trás da força repressora, e por meio da mesma, o reprimido venha a emergir”. (p.21).

“[...]‘Inconsciente’ é um termo puramente descritivo, indefinido em alguns aspectos e, poderíamos dizer, estático. ‘Reprimido’ é uma expressão dinâmica, que leva em conta a interação de forças mentais; implica a presença de uma força que procura provocar toda uma série de efeitos psíquicos, inclusive o de tornar-se consciente, e a essa força opõe-se uma outra força contrária, capaz de obstruir alguns desses efeitos psíquicos, inclusive também aquele de tornar-se consciente[...]" (p.28).

“[...]As idéias só são reprimidas porque estão associadas à liberação de sentimentos que devem ser evitados. Seria mais correto dizer que a repressão age sobre sentimentos, mas só nos apercebemos destes através de sua associação com as idéias. Assim, os sentimentos eróticos de Norbert Hanold é que haviam sido reprimidos, e como o seu erotismo não tinha e não tivera na infância outro objeto a não ser Zoe Bertgang, suas lembranças dela foram esquecidas[...]" (p.28).

“O desenvolvimento do delírio de Norbert Hanold prosseguiu com um sonho que, não tendo sido provocado por nenhum novo evento, parece ter-se originado inteiramente de sua mente, onde havia um conflito”. (p.30-31).

“[...]Uma vez realizada essa conciliação, as lembranças reprimidas transformam-se em fantasias que com facilidade poderão ser compreendidas erroneamente pela personalidade consciente - isto é, compreendidas de modo a se adaptarem à corrente psíquica dominante[...]" (p.34).

“Os indícios da proximidade de Zoe (seu aparecimento na rua e o canto do seu canário tão próximo à janela dele) intensificaram o efeito do sonho, e nessa situação, tão perigosa para a sua resistência aos sentimentos eróticos, Hanold decidiu fugir. Sua viagem era o resultado de novo fortalecimento



dessa resistência, em seguida ao avanço obtido no sonho por seus desejos eróticos; era uma tentativa de fugir da presença física da jovem amada”. (p.38).

“[...]Zoe não pôde evitar de ver nessas palavras um reconhecimento da amizade infantil de ambos (dedução correta no que diz respeito ao inconsciente dele), ao passo que ele naturalmente não percebeu esse sentido da própria exclamação, julgando que a mesma se relacionava somente ao delírio que o dominava[...]”. (p.48).

“No decorrer do tratamento psicoterapêutico de um delírio ou de uma perturbação análoga, o paciente com frequência produz ambigüidades desse tipo, como novos sintomas passageiros, e às vezes o próprio médico pode servir-se delas. Pode também dessa forma, através do sentido pretendido para o consciente do paciente, despertar o conhecimento do sentido que se aplica ao inconsciente”. (p.49).

“O autor estabelece assim uma íntima ligação entre o desvanecimento do delírio e o ressurgimento da ânsia de amar, preparando o caminho para o inevitável desenlace amoroso”. (p.50).

“[...]Todo tratamento psicanalítico é uma tentativa de libertar amor reprimido que na conciliação de um sintoma encontrara escoamento insuficiente. Na verdade, o ponto culminante da semelhança entre Gradiva está no fato de que também na psicoterapia analítica a paixão que ressurge, seja ódio ou amor, invariavelmente escolhe como objeto a figura do médico[...]”. (p. 51).



ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

FICHAMENTO 16

Discente: Ana Julia Mundim e Souza de Paula Malheiros

Orientadora: Camila Bellini Colussi Macedo

KLEIN, M. **A Psicanálise de Crianças.** Ímago Editora, 1997, 3, 145-195.

“Nas páginas que se seguem, esboçarei os processos de desenvolvimento que precedem essa expansão inicial da sexualidade e tentarei mostrar que os estágios iniciais do conflito edípico e da formação do superego se estendem, grosseiramente, da metade do primeiro ano até o terceiro ano da vida da criança.” (p. 145)

“[...] o sentimento de culpa da criança com respeito à sua masturbação genital arcaica provém das suas fantasias sádicas dirigidas contra os pais.” (p. 155);

“Não penso que se possa estabelecer uma distinção nítida entre os estágios iniciais do conflito edipiano e os estágios posteriores.” (p. 155).

“Normalmente, o prazer do bebê em sugar é substituído pelo prazer em morder. A falta de satisfação no estágio oral de sugar aumenta a necessidade de satisfação no estágio oral de morder.” (p. 145–146)

“[...] a formação do superego, relações de objeto e adaptação à realidade são o resultado de uma interação entre a projeção dos impulsos sádicos do indivíduo e a introjeção dos seus objetos[...].” (p. 168)

“[...]Prosseguiremos agora examinando a maneira pela qual sua libido e suas relações com objetos reais dão margem a uma modificação dessas situações de ansiedade[...].” (p. 169)



“[...] a menininha se afasta da mãe. O pênis do pai se torna agora um objeto arcaico de gratificação oral, mas, ao mesmo tempo, tendências genitais começam a surgir[...].” (p. 169).

“No que diz respeito ao menino, ele também desenvolve uma relação positiva com o pênis do pai a partir da posição oral de sugar, na medida em que seus pênis são equacionados.” (p. 169).

“Sinto-me inclinada a dar um passo adiante e a encarar esses pontos de fixação como pontos de partida não apenas para doenças subsequentes como também para perturbações que a criança sofre durante os estágios mais arcaicos da sua vida.” (p. 175)

“[...]quando, por razões externas ou internas, essas situações arcaicas são ativadas com grande intensidade, a criança exibirá traços psicóticos[...].” (p. 175).

“[...] o medo do menino de ser devorado por um lobo não apenas como um substituto por meio da distorção para a ideia de ser castrado pelo pai, mas, eu sugeriria, como uma ansiedade primária que persistiu sob uma forma não modificada ao lado de versões posteriores, modificadas, dela[...].” (p. 179).

“A visão de que os mecanismos obsessivos começam a se tornar ativos muito cedo na infância, no segundo ano de vida, faz parte da minha tese geral de que o superego se forma nos estágios mais arcaicos da vida da criança, sendo em primeiro lugar sentido como ansiedade pelo ego e, em seguida, à medida que o primeiro estágio sádico-anal se encerra, também como um sentimento de culpa”. (p. 184).

“Os sentimentos de culpa da criança ligados às suas tendências sádico-uretrais e sádico-anais se derivam, vim a descobrir, dos ataques fantasiados que ela faz ao corpo da mãe durante a fase em que o sadismo está em seu apogeu”. (p.184).

“A ansiedade proveniente das situações de perigo arcaicas está, na minha opinião, intimamente associada com as origens das obsessões e sintomas obsessivos”. (p.185).



“Na análise através do brincar, o dar e tomar de volta compulsivo encontra expressão bastante diversificada. Ocorre, acompanhado de ansiedade e culpa, como uma reação a representações anteriores de atos de roubo e destruição”. (p.187).

“[...]Quando o sentimento de culpa deles desencadeia ações obsessivas como uma defesa, empregam o sentimento de onipotência com o propósito de fazer restituição. Mas esse sentimento de onipotência precisa agora ser sustentado de um modo compulsivo e exagerado, pois também a restituição, como a destruição original, está baseada na “onipotência”[...]. (p.192).

“[...]Em virtude do mecanismo de “deslocamento para algo muito pequeno”, que desempenha um papel tão grande na sua neurose, o paciente obsessivo pode buscar em conquistas muito pequenas uma prova da sua onipotência construtiva e da sua capacidade de fazer uma restituição completa[...]”. (p. 193).

“[...]À medida que os impulsos libidinais das crianças se fortalecem e seus impulsos destrutivos se enfraquecem, também mudanças qualitativas ocorrem continuamente no seu superego, cujos efeitos são agora sentidos pelo ego como influências predominantemente de advertência[...]”. (p.195).

“O estágio genital seria, assim, caracterizado pelo fato de que nas interações que se dão entre projeção e introjeção e entre formação do superego e relações de objeto — interações que governam a totalidade do desenvolvimento arcaico da criança — o elemento positivo alcançou a predominância”. (p.195).